



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

**ESFORÇOS COLETIVOS NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE
SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

ADRIANA DOS SANTOS SÁ PEDRONI

ORIENTADOR(A): ANA CECÍLIA FERREIRA DE AMORIM

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

ADRIANA DOS SANTOS SÁ PEDRONI

ESFORÇOS COLETIVOS NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a): ANA CECÍLIA FERREIRA DE AMORIM

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA DOS SANTOS SÁ PEDRONI

ESFORÇOS COLETIVOS NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ___/___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Ana Cecília Ferreira de Amorim

(Orientador) Ana Cecília Ferreira de Amorim

(Examinador)

(Cursista) Adriana dos Santos Sá Pedroni

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa, às pessoas com necessidades especiais que conheço e convivo, as quais me motivam a acreditar que todo ser humano é igual apesar das múltiplas diferenças, e que somos iguais em dignidade, deveres e direitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esta oportunidade única e por despertar em mim desejo de lutar pelas causas das pessoas com necessidades especiais, pelas quais tenho muito carinho e admiração e as considero amigas, seres humanos dotados de resignação, coragem e muita capacidade. Em especial aos Surdos, autênticos, alegres, espontâneos e muito inteligentes.

Agradeço a minha tia-mãe Odiléia de Sá, rocha firme, inabalável e que me ensina a cada dia a romper as dificuldades e a lutar pelos meus sonhos.

Agradeço ao meu marido Wedson Pedroni, companheiro, amigo e encorajador, compreensivo a minha dedicação e ausência.

À UnB - Universidade de Brasília e a EAD por proporcionar este canal de conhecimento em prol do desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.

Muito tenho a agradecer à minha orientadora Ana Cecília Ferreira de Amorim que sempre se mostrou disposta a colaborar com o sucesso desta pesquisa, no percurso da mesma, orientando todas as ações. Agradeço também a tutora presencial Viviane Samora, que jamais mediu esforços para nos atender e oportunizar encontros que facilitassem a construção da pesquisa.

Agradeço a todos que colaboraram, direta e indiretamente, com esta pesquisa. Em especial agradeço à gestora e pedagoga da instituição pesquisada, às intérpretes, professores, pais de alunos e alunos Surdos, os quais são alvos e instrumentos principais da transformação que desejamos, para que o Surdo tenha seus direitos garantidos dentro e fora da escola.

RESUMO

O tema escolhido para esta pesquisa está pautado nas relações entre alunos Surdos, escola e família. O objetivo principal deste trabalho é analisar se os objetivos quanto à Educação de pessoas Surdas estão sendo atingidos e se as mesmas, inseridas no Ensino Regular, estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas, assim como a metodologia adotada pelos professores. Para levantar esses dados a pesquisa realizar-se-á com base na observação e entrevistas feitas a alunos, familiares, professores e gestores de uma instituição da cidade de Timóteo – MG, que atende alunos com deficiências diversas, entre estes os Surdos. O campo investigativo foi configurado com base na abordagem qualitativa, entrevistas, via videogravação dos diálogos produzidos e mediados pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Diante dos resultados obtidos e das discussões realizadas, pode-se concluir que o processo de inclusão de Surdos no Ensino Fundamental dar-se-á por meio da participação e colaboração conjunta dos profissionais envolvidos com ele, da família e de toda a comunidade Surda e comunidade local. Nessa dinâmica, foi possível evidenciar que os gestores, pedagogos, professores e intérpretes de LIBRAS são peças fundamentais no processo ensino-aprendizagem da pessoa Surda.

Palavras-Chave: Surdos, pesquisa, soluções, inclusão de Surdos.

“O sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças.”

Augusto Cury

SUMÁRIO

1 A PRESENTAÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A História dos Surdos e a Utilização da LIBRAS	13
2.2 Práticas e Intervenções Pedagógicas Inclusivas.....	15
2.3 Envolvimento e Participação das Famílias.....	18
2.4 Currículo Voltado Para as Necessidades dos Alunos	21
2.5 Como melhorar a Qualidade do Atendimento Especializado oferecido às Pessoas Surdas.....	23
3 OBJETIVOS	24
4 METODOLOGIA	25
4.1 Fundamentações Teóricas da Metodologia	25
4.2 CONTEXTO DA PESQUISA.	25
4.3 PARTICIPANTES	28
SUJEITO 1.....	28
SUJEITO 2.....	28
SUJEITO 3.....	29
SUJEITO 4.....	30
SUJEITO 5.....	30
SUJEITO 6.....	31
SUJEITO 7.....	32
4.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	32
4.4.1 Contatos iniciais.....	33
4.4.2 Instrumentos.....	33
4.4.2.1 Entrevistas.....	34
4.4.2.2 Roteiro de observação.....	35
4.4.2.3 Gravação em vídeo.....	36
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	36
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
5.1 Interação entre Professores Regentes, Intérpretes e Professores de AEE.....	38
5.2 Entraves na Educação de Alunos Surdos.....	39

5.3	Importância da Escola Bilíngue Para o Surdo.....	40
6	DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS	42
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
	APÊNDICES	50
	APÊNDICE A.....	50
	APÊNDICE B.....	50
	APÊNDICE C.....	51
	APÊNDICE D.....	51
	APÊNDICE E.....	52
	APÊNDICE F.....	53
	APÊNDICE G.....	53
	ANEXOS	54
	ANEXO A.....	54
	ANEXO B.....	56
	ANEXO C.....	57

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – Participantes.....	35
-------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Prédio do CREIA – A	26
FIGURA 2: Prédio do CREIA – B	26
FIGURA 3: Sala de Acompanhamento Pedagógico para Surdos	27

1. APRESENTAÇÃO

Antes de apresentar o tema da presente pesquisa, faz-se necessário um esclarecimento. Por escolha ideológica, adotar-se-á o uso do termo *Surdo*, grafado com a inicial maiúscula. Moura (2000, p. 72) nos dará respaldo nessa opção conceitual, uma vez que estamos falando de um indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não será “caracterizado pela sua *deficiência*, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e respeito a sua diferença”. A pessoa com *deficiência auditiva* ou Surda é representada, no imaginário social, pelo estigma da incapacidade. Pretende-se com este uso evidenciar a pessoa, em suas potencialidades e possibilidades de desenvolvimento humano, e não a sua surdez.

Para oportunizar o desenvolvimento humano da pessoa Surda, o professor deve atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo efetivamente pra desenvolvimento cognitivo do educando. Nesse sentido, o professor precisa promover ações para que os alunos Surdos superem suas dificuldades, criando, assim, espaço para autonomia, criando um diálogo entre os saberes escolares e as culturas dos alunos, valorizando suas potencialidades, conhecimentos e estabelecendo um canal de comunicação com o aprendiz, oportunizando interação, colaboração e aprendizagem.

O meu interesse pelo tema da surdez ocorreu bem antes da minha atuação como educadora. Surgiu em 1998 na interação com Surdos na igreja, localizada no Rio de Janeiro. Nesta ocasião participava de cursinhos básicos de LIBRAS. Eu achava bonita e ao mesmo tempo envolvente aquela língua tão diferente. Só anos depois, já como educadora, morando em outro estado, no Espírito Santo, em 2009, voltei a participar de Cursos de LIBRAS, pois sentia uma grande ansiedade em estar próxima do Surdo e conhecer sua língua. No mesmo ano, em 2009, tive a oportunidade de atender um aluno Surdo da rede onde eu era professora regente efetiva. O nome dele é D. R., um adolescente tímido, com apenas 13 anos, sua intérprete encontrava-se afastada por motivos de doença. Então, a prefeitura precisava, com urgência, de uma professora intérprete para atendê-lo e me convocou para esta função. Mesmo com tão pouca desenvoltura em LIBRAS, aceitei o desafio e aprendi demais com o D. R. que era meu aluno.

Na verdade, posso afirmar que eu era a aluna dele, pois demonstrava muita generosidade e compreensão. Nessa relação de colaboração e amizade, pude ser uma ponte de comunicação para ele através da LIBRAS. Quando eu não conseguia me comunicar, ele utilizava a leitura labial e

eu, imagens e desenhos para que ele compreendesse os conteúdos e as explicações de cada disciplina. Eu acompanhava esse aluno em todas as disciplinas e essa não era uma tarefa fácil.

Em alguns momentos pensei em desistir, mas na época não havia, por falta de habilitação, quem me substituísse. Senti que seria muita covardia deixá-lo, então, prosseguimos com os trabalhos. Assim, paralelamente, dei continuidade ao Curso de LIBRAS do CAS – Centro de Atendimento ao Surdo. A partir daí, já no Intermediário, em 2010, o atendimento ao aluno Surdo foi mais significativo e, neste ano, conseguimos envolver toda a turma deste menino que queria aprender LIBRAS. Na apresentação do projeto da professora de Português sobre as Memórias da Infância, incluímos uma apresentação dele junto com a turma, da Música Pais e filhos, do Legião Urbana, que foi feita em LIBRAS. Esse trabalho teve grande repercussão, incitando novas ações de valorização da pessoa Surda. No ano de 2011, eu já estava no nível avançado de LIBRAS e continuei atendendo o menino e novas práticas foram incorporadas. O aluno se sentiu, de fato, parte integrante daquele ambiente escolar, demonstrando mais afinidade com as pessoas da escola, interagindo mais espontaneamente, participando das atividades individuais e coletivas.

Após meu casamento, ocorrido em novembro de 2011 mudei-me para Minas Gerais ao final do ano letivo. Lamentei demais o fato de não mais trabalhar com Surdos. Eu imaginava que não teria tão cedo, uma nova oportunidade na região onde então eu iria morar. Pedi licença sem vencimentos, participei do processo seletivo de Ipatinga e passei. Em fevereiro de 2012, eu estava trabalhando numa escola para alunos especiais.

Logo a direção da escola tomou ciência da minha atuação com alunos Surdos e me convidou para trabalhar no AEE – Atendimento Educacional Especializado – Surdos. Foi uma experiência nova, pois agora eu não tinha um aluno, mas sim dezoito Surdos juntos e muito ativos. Desenvolvemos projetos relacionados aos temas: Alimentação Saudável, Higiene, Saúde, Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, dentre outros. Foi notório o desenvolvimento assim como tornou-se perceptível as mudanças no desenvolvimento dos alunos Surdos.

Em 2013, não trabalhei em Ipatinga - MG. Somente em agosto do mesmo ano, participei do processo seletivo de Timóteo - MG e, logo, já estava trabalhando com Surdos. Na ocasião, fui convidada para trabalhar no Curso Básico de LIBRAS do projeto de AEE. Trabalhei por um ano e meio como professora do Curso e foi muito gratificante ser multiplicadora dessa língua tão primordial para a comunicação dos Surdos.

O que sei em relação à demanda e necessidades dos alunos Surdos baseia-se na minha prática e convivência com os mesmos, mas se faz necessário analisar se esta é a realidade da instituição de ensino a qual pretendo investigar e como podemos melhorar o atendimento oferecido às pessoas Surdas. Acredito que quando o trabalho é realizado com qualidade os objetivos são alcançados e favorecem a vida do público em questão, nesse caso a vida da pessoa Surda.

Para Skliar (1997, p. 112-113), a visão clínico-terapêutica “entende a surdez estritamente relacionada com a patologia, com o déficit biológico, com a surdez do ouvido, e se traduz educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva”. Esse autor ressalta que, com base nessa visão, a surdez afetaria de um modo direto a competência linguística das crianças Surdas, estabelecendo, assim, uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral, sendo a noção de desenvolvimento cognitivo condicionada ao maior ou menor domínio que as crianças Surdas adquirem da língua oral.

Nessa perspectiva, o objetivo do currículo escolar é dar ao sujeito Surdo o que lhe falta: a audição, e seu derivado: a fala. Desse modo, se faz necessária intervenção pedagógica por meio de profissionais habilitados e conscientes das necessidades e especificidades dos Surdos.

Pretende-se, através de estágio de observação em uma instituição da minha região, Timóteo – MG, pesquisa de campo, relatos e entrevistas aos alunos, pais e profissionais envolvidos constatar se os objetivos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos estão sendo atingidos, se os discentes suas famílias estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas.

O que mais me atrai nessa pesquisa é a questão da satisfação do aluno especial e de sua família quanto aos procedimentos adotados pela escola e professores, bem como os resultados positivos a partir das intervenções feitas. Penso que alunos e familiares satisfeitos, significa que a escola está cumprindo o seu papel e garantindo os direitos dos alunos Surdos, a fim de oportunizar aprendizado de qualidade.

Assim, ao trabalhar com alunos Surdos deve-se levar em consideração a sua cultura e o seu modo de vida. Essa diferença de percepção do mundo para os surdos consolida-se em seu cotidiano, da forma como se comunicam, suas expressões, corporais, faciais, e seu modo de vida, que é a cultura Surda.

Essas considerações são fundamentais quando nos reportamos ao espaço escolar. Como

pensar a sala de aula para alunos Surdos? Os recursos pedagógicos e didáticos que devem ser valorizados e trazidos para esse contexto? Para contemplar esses aspectos é importante que o professor e toda a comunidade escolar tenham conhecimento da educação bilíngue.

A legislação brasileira declara que os ensinamentos da língua de sinais e da língua portuguesa devem estar presentes no contexto escolar, pois é um direito das pessoas Surdas, de utilizarem uma língua diferente da língua oficial do país, de serem educados na sua língua.

Quando a Declaração de Salamanca decretou que a educação é direito de toda e qualquer criança, em 1994, independente de etnia, classe social ou necessidade especial, todas as pessoas com deficiência vêm sendo incluídas no sistema escolar mais próximo de suas casas. Essas crianças têm o direito de ser matriculadas nas escolas que são de melhor acesso a sua família. Fato este reafirmado com a LDB – Lei e Diretrizes de Base da Educação, número 9.394 de 1996. Este documento ressalta que é de direito a oportunidade de acesso e permanência de todos os alunos em escolas regulares de ensino. Às crianças com necessidades educacionais especiais lhes serão cedidas o subsídio que for necessário.

Considerando que a escola tem como função principal oportunizar o desenvolvimento de todos, a inclusão no contexto escolar significa criar condições para que todos aprendam, valorizando as habilidades e potencialidades individuais de cada um.

Com base nessas questões o primeiro capítulo abordará a fundamentação teórica, o qual está dividido em cinco partes: a primeira discorre sobre a história dos Surdos e utilização da LIBRAS, a segunda seção aborda as práticas e intervenções pedagógicas inclusivas, a terceira seção apresenta reflexões sobre a importância do envolvimento e participação das famílias no processo de inclusão do aluno Surdo; na quarta seção abordarei questões referentes ao currículo voltado para as necessidades do aluno Surdo; para finalizar o primeiro capítulo é realizada, na quinta seção, uma contextualização sobre como melhorar a qualidade do atendimento oferecido às pessoas Surdas. O segundo capítulo traz a metodologia e os caminhos que tornaram essa pesquisa possível. Em seguida, são apresentados os resultados e as considerações finais, avaliando-se a importância desta investigação para profissionais que atuam na área da educação, e em especial diretamente com pessoas Surdas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A História da Educação dos Surdos e a Utilização da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

Skliar (1998) explica que falar em Cultura Surda como um grupo de pessoas localizado no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal, monolítica. Para Wrigley (1996), a surdez é um “país” sem um “lugar próprio”; é uma cidadania sem uma origem geográfica.

Segundo o que nos conta a história dos Surdos, estes eram considerados “ineducáveis”. No passado, acreditavam que os Surdos não tinham condições de aprender, de interagir e de viver em sociedade. E essa ideia sonda, até hoje, as mentes de algumas pessoas que desconhecem as potencialidades e o verdadeiro valor dos Surdos.

No segundo Congresso Internacional sobre Educação de Surdos em Milão, Itália, foi endossado o método oral puro. Para uma nova visão de educação para pessoas com deficiência em 1994, foi promovida pelo governo da Espanha em parceria com a UNESCO, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que acabou resultando em um dos documentos mais importantes para a promoção da educação Inclusiva em todo o mundo foi intitulada a Declaração de Salamanca, que vai nortear caminhos e atitudes para se desenvolver uma educação de qualidade para todos os indivíduos. Desde então, o Brasil aderiu às práticas de inclusão, reafirmado com a LDB – Lei e Diretrizes de Base da Educação, número 9.394 de 1996.

Contudo, ainda que amparados por Lei, no caso dos alunos Surdos, mais do que acesso e adaptação ao espaço escolar são necessários investimentos para sua efetiva inclusão e permanência do mesmo na escola. O Surdo é como um estrangeiro em sala de aula, pois pertence a uma cultura e utiliza de uma língua diferente da comunidade escolar e da que vive.

Segundo a proposta do MEC – Ministério da Educação, o AEE – Atendimento Educacional Especializado para os Surdos deve ocorrer em três momentos didáticos pedagógicos: AEE em LIBRAS; (os conteúdos das disciplinas são repassados em LIBRAS), AEE de LIBRAS; (Deveria ser ensinado os conteúdos da própria LIBRAS - sua gramática, etc.) e não os termos científicos das outras disciplinas e AEE em Língua Portuguesa. O ideal seria ensinar o Português utilizando LIBRAS, pois não são todos os Surdos que conseguem fazer leitura labial e nem são

todos bem oralizados. Contudo, esta proposta, na prática, não funciona para todos os alunos Surdos da mesma forma, apresentando, na verdade, muitas falhas e precariedades.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo IBGE, 2010) 1, cerca de 9,8 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Desse total, 2,6 milhões são Surdos e 7,6 milhões apresentam grande dificuldade para ouvir. Esses dados indicam que existe um quantitativo considerável de pessoas Surdas, portanto, usuárias naturais da LIBRAS no país.

Esse grupo de pessoas tem lutado pelo reconhecimento das suas singularidades e direitos ao longo dos anos. Um importante marco dessas conquistas foi a oficialização da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais (Lei n. 10.436 de 24 de Abril de 2002), tornando-se um meio legal de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros. A referida Lei ainda preconiza, em seu Art. 2º, que devem ser garantidas formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades Surdas do Brasil.

Além disso, a regulamentação do Decreto nº. 5.626, no final de 2005, determinou a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, de nível médio e superior, em instituições públicas e privadas, e nos cursos de Pedagogia, Fonoaudiologia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas. Essa lei estabelece um prazo de 10 anos para que os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior de todo o País incluam o professor de LIBRAS em seu quadro de magistério.

O Surdo é uma pessoa com experiências essencialmente visuais, pessoas com uma visão de mundo muito diferente das que escutam. Tendo esta compreensão de mundo de forma silenciosa e visualmente muito mais perceptiva, bem como uma língua que melhor expresse essa visão de mundo e identifique com cultura própria, a cultura Surda.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, publicada em 2008, reafirmou a Lei n. 10.436/2002 do Decreto 5.626/2005, legitimando, mais uma vez, a educação bilíngue para as pessoas Surdas, conforme disposto seguir:

Para a inclusão dos alunos Surdos, nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/Libras, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos Surdos, os serviços de tradutor/intérprete de

Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola.

Botelho (2002:112) colabora afirmando que: “a língua de sinais também existe como disciplina curricular nos vários níveis escolares. Os Surdos aprendem também sobre as línguas de sinais de outros países, sobre a organização de Surdos, sobre a Cultura Surda e outros temas de importância”.

Para Strobel (2008, p. 39):

os sujeitos surdos, com sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor deles: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial-bruta – até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge.

A experiência visual é essencial nas relações e percepções de mundo das pessoas Surdas. Para as comunidades Surdas a interação com o mundo se dá pelo contato visuo-espacial e não por meio da oralização. É no contexto da cultura Surda que os valores culturais são criados e vivenciados.

2.2 Práticas e Intervenções Pedagógicas Inclusivas

No contexto para a aprendizagem só é possível compreender os processos envolvidos na aprendizagem quando essa experiência é observada a partir de contextos específicos e significativos. A concepção de sujeito ativo e a importância do contexto, também são fundamentais para a abordagem histórico-cultural, notadamente de Vygotsky, que vem influenciar, se não a prática, pelo menos o discurso pedagógico, uma década após.

A abordagem histórico-cultural dá especial ênfase às origens sociais dos processos cognitivos em geral e da linguagem em particular. Nota-se aqui um sujeito ativo, mas, ao mesmo tempo, sociogeneticamente determinado, isto é, constituído pela constante interação com o seu meio histórico-social (MACIEL e BARBATO, 2010).

Tendo em vista que os educadores precisam valorizar o conhecimento que o aluno traz consigo, faz-se necessário partir de um diagnóstico e traçar novas metas para que estes

conhecimentos sejam ampliados e outros novos sejam acrescentados. Mas devem-se utilizar metodologias que priorizem a interação e cooperação.

O ideal seria que professor regente e intérpretes unissem esforços para atender as necessidades de adaptação de currículo para o Surdo e para que ele esteja, de fato, incluído no processo ensino-aprendizagem, bem como na sociedade. Mas a realidade é bem diferente disso em algumas escolas. E por isso, alguns avanços precisam ser conquistados em relação aos outros profissionais que participam diretamente da Educação de Surdos como diretores, coordenadores, demais professores e demais funcionários da escola. Os colegas de turma e familiares de Surdos também devem se envolver nesse processo de ensino-aprendizagem, para continuidade dos estudos e suportes para incluí-los socialmente.

Refletir e buscar soluções não são meros exercícios abstratos. No movimento da pesquisa na escola, estas ações dizem respeito a questões reais presentes no cotidiano do professor, possibilitando intervenções mais adequadas, uma vez que estão embasadas em prática diária, como no caso da aprendizagem, atendimento e desenvolvimento das pessoas Surdas.

Partindo desse pressuposto, a escola deverá pensar em estratégias pedagógicas que atendam as necessidades e expectativas dessa demanda. Que sejam consonantes com a realidade dos Surdos. Segundo Skliar (1990:53), condições de acesso à língua de sinais e a segunda língua, à identidade pessoal e social, à informação significativa, ao mundo do trabalho e a cultura Surda. Sabe-se que a segunda língua no caso dos Surdos é a língua portuguesa, a qual exige para seu aprendizado, condições de ensino de língua estrangeira.

Cabe à escola e aos professores, cumprir seu papel da melhor maneira possível, estando atentos ao empenho de cada um em suas aprendizagens, oportunizando estratégias coerentes com a forma de aprendizagem dos Surdos.

A partir desses conceitos de preocupações explicitados e em busca de contribuições para o desenvolvimento pleno do educando, o professor deve trabalhar, visando um resultado positivo do trabalho desenvolvido junto ao aluno Surdo. Para que bons resultados sejam alcançados faz-se necessária a prática como ponto de partida. Dela, emergem as questões, as necessidades e as possibilidades, ou seja, a prática esboça a trajetória que o professor deve percorrer.

No contexto para a aprendizagem só é possível compreender os processos envolvidos na aprendizagem quando essa experiência é observada a partir de contextos específicos e significativos. A concepção de sujeito ativo e a importância do contexto, também são

fundamentais para a abordagem histórico-cultural, notadamente de Vygotsky, que vem influenciar, se não a prática, pelo menos o discurso pedagógico, uma década após.

Vygotsky (apud Freire 1998:48) acrescenta:

[...] o conhecimento é entendido como sendo construído através da interação por aprendizes e pares mais competentes (o professor ou outros aprendizes), no esforço conjunto de resolução de tarefas, explorando nível real em que o aluno está e o seu nível em potencial para aprender.

Entende-se, então, que a aprendizagem somente se efetivará quando as estratégias de aprendizagem emergirem de conhecimentos já consolidados pelos alunos, independentemente se são atividades informais ou acadêmicas. A escola deve oportunizar ao aluno Surdo atividades que sejam interessantes e significativas para eles, a fim de que se sintam motivados e se envolvam. Daí a necessidade de se utilizar materiais adequados, que estimulem a participação e envolvimento dos alunos Surdos.

O professor precisa saber avaliar e refletir sobre as hipóteses, estratégias, erros e acertos é fundamental para que novas ações sejam planejadas durante o ensino e a aprendizagem.

A aprendizagem da Língua Portuguesa, a segunda língua dos Surdos, deve ocorrer no ambiente escolar. Para isto se faz necessário que Língua de Sinais e Língua Portuguesa sejam ensinadas simultaneamente. A língua Portuguesa deve ser ofertada e exposta tanto quanto a Língua de Sinais. O sucesso na comunicação bilíngue dos Surdos, se efetiva mediante as estratégias utilizadas na escola, bem como os esforços coletivos de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem dos alunos Surdos.

A história da educação dos Surdos passou por diferentes momentos históricos, desde a primeira escola para Surdos, criação e aprendizagem de gestos (sinais metódicos), a imposição da oralidade até a construção de um novo olhar pautado em aspectos antropológicos onde prima-se pela cultura Surda.

A educação bilíngue de Surdos no Brasil está amparada pela Lei 10. 436/2002 e é recomendada pelo Ministério Nacional da Educação (MEC) como sendo uma proposta válida e eficaz para o ensino das duas Línguas reconhecidas pelo país, Língua Portuguesa e LIBRAS, necessárias para a inclusão social efetiva destes sujeitos. O Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, em seu capítulo VI, artigo 22 determina que se organize, para a inclusão escolar: "I – escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes,

com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II – escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos Surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa." (NOVAES, 2010 p.73). O reconhecimento pela Lei brasileira nº 10.436/2002, da LIBRAS como Língua oficial, abriu o caminho para a educação bilíngue para os Surdos e a aceitação da existência de uma “cultura Surda”.

A proposta bilíngue entende o sujeito Surdo como participante de duas realidades, como um estrangeiro no próprio país, vivendo ao mesmo tempo a realidade da língua materna, na qual tem sua visão de mundo construída e aprimorada, e a realidade de uma segunda língua, a utilizada no cotidiano da comunidade a que pertence.

Através da interação social, a criança Surda tem acesso aos grupos locais de sua comunidade, passando a agir de acordo com a cultura de sua comunidade. Para isto é necessário que os Surdos estejam unidos para o fortalecimento da Língua de Sinais. Desse modo a facilitação do aprendizado se efetivará, bem como a promoção da identidade linguística da comunidade Surda.

2.3 Envolvimento e Participação das Famílias no Processo de Inclusão do Aluno Surdo

A família é parte fundamental neste processo histórico de educação dos Surdos e utilização da LIBRAS, pois torna-se necessária a aprendizagem da língua de sinais, por todos os integrantes da família para que o Surdo desenvolva em casa a sua língua materna. Goldefeld (1997:40) enfatiza:

é sabido que mais de 90% dos surdos tem família ouvinte. Para que a criança tenha sucesso na aquisição da língua de sinais, é necessário que a família também aprenda esta língua para que assim a criança possa utilizá-la para se comunicar em casa.

A família tem um papel primordial no desenvolvimento da criança e na inserção dela ao meio social. Em geral, a família se prepara para o nascimento de uma criança com muita emoção e ansiedade. Desde o nascimento, os pais passam por um processo de adaptação para o

acolhimento do mais novo membro da família. Quando a criança nasce, os pais a cercam de afetividade, expressa por beijos, cantigas e conversas, que está presente na relação comunicativa entre pais e filhos.

Rossi (2000) relata que quando a família recebe o diagnóstico da surdez, que geralmente leva alguns meses, a relação da família com a criança muda substancialmente. Muitos pais passam a sentir pena do filho, a olharem-no com tristeza, tendendo a se culparem e, até mesmo, deixando de falar ou cantar com o filho que não escuta. Quando bem orientadas, as famílias buscam alternativas para o melhor desenvolvimento da criança. A primeira delas é aprender a se comunicar com ela para que a mesma não se sinta diferente e excluída na sua própria casa. No entanto, quando os pais recebem informações ou orientações inadequadas quanto ao diagnóstico, tendem a se lamentar e negar a surdez do filho por um tempo muito maior.

O descrédito dos pais está no medo de seu filho ser excluído, o que desencadeia uma ânsia pela busca de soluções para o “problema”. Muitos pais não querem aprender a Língua de Sinais, temendo que a mesma os separe definitivamente de seus filhos, pois dificultaria o trabalho com a língua oral. Na tentativa de proporcionar ao Surdo o desenvolvimento da língua oral, os pais tentam de tudo e as crianças são convencidas a abandonar o seu mundo visual para serem “incluídas” no mundo auditivo, mesmo que isso lhe custe anos de um trabalho fonoaudiológico intenso, às vezes, acompanhado de muito sofrimento.

Os Surdos são considerados pela maioria das pessoas como pessoas com desempenho inferior. Como estão inseridos num mundo ouvinte, se esforçam para tornar-se cidadão capaz neste mundo estrangeiro. Em muitas situações, os Surdos são rotulados pela sua deficiência e não pela sua pessoa. Nesse caso, quando diagnosticada a surdez, o senso comum traz uma representação daquele que não escuta que é imediatamente assumida pela família. Assim, a representação social que se tem é do Surdo como um ser incompleto, menor e que tem dificuldades para aprender. Não está em pauta a pessoa, na condição de sujeito possuidor de um conjunto de possibilidades que ultrapassa a sua limitação auditiva.

Sabe-se que é dever do Estado e da família garantir a realização plena do ser humano, inseri-lo no contexto do Estado Democrático e qualificá-lo para o mundo do trabalho. A educação representa tanto mecanismo de desenvolvimento pessoal do indivíduo, como da própria sociedade em que ele se insere. O direito à educação é assegurado pela Constituição a todos os brasileiros.

Todos devem se envolver a fim de que o aluno Surdo tenha suas necessidades educacionais, sociais e até mesmo emocionais atendidas. E é a família, o primeiro grupo de convivência da criança que deve e precisa se envolver, participar e colaborar, fazendo das limitações desafios e das adversidades força.

Todas as crianças precisam desenvolver uma forma de comunicação para se tornarem indivíduos não psicotizados, o que significa dizer que podem desenvolver doenças mentais, caracterizadas pela perda do contato com a realidade. Isso ocorre porque a língua (seja oral ou gestual) vai ser o estruturante de nossos pensamentos. A fase de zero a cinco anos é do ser formação psíquica do ser humano, uma vez que nesse período ocorre a ativação das estruturas inato genético-constitucionais da personalidade. A falta de intercâmbio auditivo-verbal traz para a pessoa Surda prejuízos ao seu desenvolvimento.

Segundo Goldfeld (1997), no decorrer do desenvolvimento infantil, a criança passa por diversas mudanças, e a língua é um dos principais instrumentos utilizados nesse processo.

A criança Surda não poderá aprender a língua oral como a criança ouvinte aprende. O Surdo se apropria da comunicação por meio do visual e por isso ele precisa aprender a Língua oral associada à Língua de Sinais.

A comunidade Surda anseia por melhores condições de exercerem seus direitos bem como seus deveres como cidadãos. A comunicação é o eixo da vida do indivíduo, em todas as suas manifestações como ser social. Por isso é importante reconhecer a necessidade de novos estudos que sirvam de suporte a métodos educacionais mais eficientes. Além disso, é preciso dar aos especialistas da área melhores subsídios para o estudo do desenvolvimento lingüístico e cognitivo das crianças que estão sob a sua responsabilidade profissional: “Desenvolver-se cognitivamente não depende exclusivamente do domínio de uma língua, dominar uma língua garante os melhores recursos para as cadeias neuronais envolvidas desenvolvimento dos processos cognitivos.” (FERNANDES, 2000, p.49).

Segundo a cartilha da Secretaria de Educação Especial, MEC, 2000, as crianças Surdas de famílias ouvintes passam pelo risco de séria privação de linguagem no início da vida e de uma incapacidade para apreender o que está acontecendo ao redor delas e o porquê (aprendizagem incidental), uma vez que seus pais não sabem comunicar-se com elas. O vínculo emocional com os pais pode ser também mais difícil de estabelecer e de se manter. Isso ocorrerá, entretanto, apenas se a família não for devidamente orientada e se criança não for encaminhada a um

atendimento adequado.

Além da questão da linguagem, é importante proporcionar à pessoa com surdez condições que lhe permitam se estruturar emocionalmente. Em relação a isto Bergmann (2001) faz o seguinte comentário:

Não é a fala ou a língua de sinais; a pessoa Surda que “se deu bem” é aquela que pôde preservar a sua autenticidade, aceitou a surdez como uma parte diferente e não doente de si; que pôde fazer uma escolha que lhe permita ser natural em sua comunicação, independentemente de ser oralizada ou sinalizada. (BERGMANN, 2001).

No caso do pensamento e da linguagem, Vygotsky (2001) identificou o significado da palavra como a unidade básica, o fator comum a essas duas instâncias. No significado da palavra o autor reconheceu, ainda, o princípio explicativo organizador da consciência humana. A mediação da palavra, aliada à ideia de desenvolvimento da consciência, está sofisticada em Vygotsky por meio da relação dinâmica e sistêmica entre as funções psíquicas elementares (de natureza biológica) e as superiores (de origem cultural).

Por isso, nas relações do indivíduo com o grupo social, a linguagem é fundamental e é ela quem determina a sua identidade também e por isso é de suma importância que a família esteja atenta às necessidades de comunicação em LIBRAS de seu familiar Surdo, colaborando aprendendo e utilizando a mesma com este indivíduo.

2.4 Currículo Voltado Para as Necessidades do Aluno Surdo

Para Skliar (1997, p. 112-113), a visão clínico-terapêutica “entende a surdez estritamente relacionada com a patologia, com o déficit biológico, com a surdez do ouvido, e se traduz educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva”. Esse autor ressalta que, com base nessa visão, a surdez afetaria de um modo direto a competência linguística das crianças Surdas, estabelecendo, assim, uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral, sendo a noção de desenvolvimento cognitivo condicionada ao maior ou menor domínio que as crianças surdas adquirem da língua oral.

Nessa perspectiva, o objetivo do currículo escolar é dar ao sujeito Surdo o que lhe falta: a audição, e seu derivado: a fala. “Nesse olhar-se e nesse narrar-se é que acontecem as percepções do ser “deficiente”, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas

habituais” (SKLIAR, 1998, p. 15).

A escola inclusiva deve desempenhar um papel de relevo em todo o processo educativo desta clientela escolar. Apesar de muitos desses alunos seguirem o currículo educativo comum, é necessário expandir o seu programa através de áreas curriculares específicas, sempre que se pretenda contribuir para o reforço da autonomia, a qualidade do desempenho, um melhor domínio das suas competências, uma maior participação social.

A operacionalização da escola inclusiva é focada em termos da transferência de recursos e de serviços de apoio para o ensino regular. A adaptação pode passar pela adoção de estratégias específicas de organização e gestão da sala de aula e pela elaboração de materiais pedagógicos adaptados, como jogos na Língua de Sinais, livros de literatura com tradução em LIBRAS e vídeos com legendas em LIBRAS. Para a efetivação dessas ações é necessário, no entanto, de equipas que detenham conhecimentos e habilidades. E que, principalmente, tenham a vocação de multiplicadores da formação, para dar apoio aos professores que trabalham diretamente com alunos Surdos.

As ações voltadas para os alunos Surdos, numa abordagem de educação bilíngüe, devem ocorrer de modo significativo. Entre algumas ações, destaca-se, a implantação de Salas de Recursos Multifuncionais que define, entre outras questões, o papel do professor da sala de recursos para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos com surdez ou deficiência auditiva, com as seguintes funções, conforme MEC (2006: 25): complementar os estudos referentes aos conhecimentos construídos nas classes comuns do ensino regular, ofertar suportes pedagógicos aos alunos, facilitando-lhes o acesso a todos os conteúdos curriculares e aprofundar os estudos relativos à língua portuguesa principalmente na modalidade escrita. Outros documentos referendam a política nacional, fundamentando e orientando as ações voltadas para os alunos Surdos, numa abordagem de educação bilíngüe conforme o decreto nº 5626/2005 Arts. 15 e 16 que dispõe:

Art.15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I- atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais de ensino fundamental;

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino

fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas de saúde e da educação, resguardando o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

O que se espera da instituição escolar é que todo material disponibilizado para o aluno Surdo seja adaptado à sua forma de ver o mundo, respeitando seus saberes e modo de aprender. Desse modo, as atividades e projetos pedagógicos precisam contemplar o aluno Surdo como um sujeito integral, enfocando todas as áreas do conhecimento humano como: lingüístico, social, emocional, motor e imaginário.

O que nos interessa precisamente são as concepções sobre currículo na educação dos Surdos. O currículo, nesse contexto, precisa privilegiar a visão de mundo, cultura, interesses, realidade de vida e expectativas dos Surdos.

2.5 Como Melhorar a Qualidade do Atendimento Oferecido às Pessoas Surdas?

Em se tratando de aluno Surdo, o professor deve usar uma linguagem correta, simples e clara. Deve falar olhando para a criança, como também enriquecer a exposição com expressões faciais. No trabalho com Surdos, é importante o professor levar em consideração, que o Surdo compreende o mundo pelos olhos e por isso ele deve utilizar imagens para se fazer entender, representando os conteúdos de suas aulas.

Para Raiça (2008, p. 10), A educação inclusiva, dentro do novo paradigma tecnológico, requer profissionais reflexivos (...) atualizados acerca dos mecanismos culturais e tecnológicos que se encontram em constante renovação. A inclusão tem sido discutida amplamente nas últimas décadas, porém efetivamente promove-se a inclusão? É necessário problematizar os aspectos relativos à inclusão de alunos Surdos, mais especificamente quanto à acessibilidade dessas pessoas ao conhecimento. Como os Surdos aprendem? Quais são as estratégias adequadas a serem utilizadas no âmbito escolar? São questões a serem refletidas pelos educadores de alunos Surdos a fim de que os Surdos tenham acesso, de fato, ao conhecimento.

Com o avanço tecnológico atual foi possível desenvolver recursos que facilitem a vida das pessoas Surdas, porém essas iniciativas ainda não são acessíveis à todos. Esses recursos tecnológicos tem facilitado a vida dos Surdos, de modo que suas formas de comunicação como o

mundo, tornem-se possíveis. No que se refere às pessoas Surdas é possível citar auxílios que incluem vários equipamentos (infravermelho, FM), aparelhos para surdez, telefones com teclado – teletipo (TTY), sistemas com alerta tátil-visual, recursos da vida moderna, e softwares educativos disponibilizados em língua de sinais. Esses recursos tecnológicos devem adentrar, também, os muros da escola, bem como as salas de aula para que o aluno Surdo absorva os conteúdos de forma satisfatória.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Investigar se os objetivos quanto à Educação de pessoas Surdas estão sendo atingidos e se as mesmas, inseridas no Ensino Regular, estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas, bem como a metodologia adotada pelos professores.

3.2 Objetivos Específicos

Contribuir para a reflexão sobre a atuação de profissionais que trabalham com Surdos.

Definir e aplicar estratégias de intervenções pedagógicas diferenciadas a fim de possibilitar atendimento de qualidade às pessoas Surdas.

Valorizar o aluno Surdo em seu modo de ver o mundo, de expressar-se, respeitando sua cultura e vivências, dentro e fora da escola.

4 METODOLOGIA

4.1 – Fundamentações Teóricas da Metodologia

Segundo AMORIM (2013), a metodologia qualitativa considera a produção de conhecimento científico como resultado de uma construção humana. Desse modo, tanto a realidade quanto o conhecimento são produzidos socialmente, e as perguntas que emergem dessa realidade estão orientadas pela visão de mundo do pesquisador, pelas condições históricas de configuração do objeto e, em especial, pela composição do quadro teórico (que fundamenta a formulação das perguntas). Essa forma de produzir pesquisa está diretamente relacionada a uma epistemologia qualitativa, na qual a investigação é construída dentro do fenômeno estudado.

Sendo assim, as finalidades desse trabalho investigativo, a pesquisa bibliográfica e de campo foram realizadas baseando-se em pesquisas e consultas a livros, internet, revistas, relatos, registros em diário de bordo, entrevistas e videografações com profissionais e alunos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Estas pessoas foram acionadas numa instituição de ensino municipal da cidade de Timóteo – MG.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa. Considerando a complexidade das relações e situações que aconteceram no contexto escolar e o objetivo em conhecer a percepção do professor sobre sua experiência em contextos inclusivos, conclui-se que a pesquisa qualitativa seria a abordagem mais adequada para este trabalho. Desse modo, este capítulo foi organizado em seções e subseções, onde foram apresentados o contexto da pesquisa, seus participantes, métodos e instrumentos. Em seguida, os dados foram sistematizados através de categorias para realização da análise e discussão dos dados.

4.2 Contexto da Pesquisa

Os objetivos propostos foram alcançados por meio de entrevistas, conversas e gravações em vídeo com professores em uma Escola Municipal, localizada na cidade de Timóteo – MG. A instituição escolhida para a realização desta pesquisa é referência em Educação Inclusiva da cidade de Timóteo - MG. Foi inaugurada no dia 8 de setembro de 2015, antes foi um Centro de Convivência.

A escola funciona em três turnos e atende o nível fundamental, educação de jovens e adultos. Há várias salas para atendimentos específicos, como Psicomotricidade, Teatro, Informática, Música, Pedagoga, Psicóloga, Fonoaudióloga, Assistente social, Assistente

Educacional Surda, Percussão, Canto coral, Artes, Dança, Acompanhamento Pedagógico para Cegos, Acompanhamento Pedagógico para Surdos, Curso de LIBRAS, Orientação e mobilidade, Oficina de Braille e EJA – Educação de Jovens e Adultos (seguimento I e II). Os intérpretes circulam nos atendimentos e oficinas, de acordo com a escala do dia e com a necessidade dos alunos, profissionais e instituição.

No matutino há oito alunos matriculados, que são atendidos individualmente. Esses alunos tem idades entre 7 e 17 anos e pertencem ao Ensino Fundamental, de 1º ao 9º anos. Entre estes há 5 alunos Surdos que recebem atendimento em LIBRAS com uma professora Surda, que é Assistente Educacional. No vespertino há 60 (sessenta) alunos matriculados e funcionam todas as oficinas citadas acima. No noturno há atendimento para alunos cegos e baixa visão na EJA e Curso Básico de LIBRAS, com 120 cursistas matriculados. Além dos atendimentos específicos a instituição oferece capacitação e assistência ao AEE. A instituição tem 90 alunos matriculados no total e atende gratuitamente 90 cursistas do Curso Básico de LIBRAS, distribuídos em três turmas, em carga horária de 40 horas. As inscrições são realizadas duas vezes por ano, ocasião em que a comunidade, professores e outros profissionais da rede municipal têm a oportunidade de aprender a LIBRAS.

O prédio da instituição tem dois pavimentos e funciona no primeiro andar, para oportunizar acessibilidade aos alunos. O prédio foi projetado pelo Rotary Club – é uma organização de líderes de negócios e profissionais, que prestam serviços humanitários, fomentam um elevado padrão de ética em todas as profissões, e ajudam a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo. Devido à necessidade da demanda de alunos com necessidades especiais, o Rotary Club cedeu o terreno para a prefeitura utilizar nos atendimentos aos alunos especiais. A prefeitura reformou e adaptou para atender os alunos com necessidades educacionais especiais de Timóteo.



FIGURA 1: Prédio da instituição - A

Fonte própria



FIGURA 2: Prédio da instituição - B

Fonte própria

O local tem 19 salas disponíveis mais dois banheiros. Na sala de Acompanhamento pedagógico há cartazes em LIBRAS, um quadro branco, dois armários e uma prateleira com livros de literatura em LIBRAS, um ventilador, duas mesas grandes com cadeiras e uma mesa pequena com cadeira para a professora Surda e um computador de mesa. A sala da fonoaudióloga é comprida, mas é estreita e há nela um armário e uma mesa grande com cadeiras. Os dois banheiros para uso dos estudantes, sendo um feminino, outro masculino. Há uma rampa de acesso aos fundos do prédio. Os dois banheiros são adaptados para cadeirantes. Todos esses espaços são identificados com placa de alumínio.

A estrutura física da instituição é muito boa e toda adaptada para atender às necessidades das pessoas em situação de deficiência. Porém considero precário o material disponível para atender os alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente os Surdos. Todo o material utilizado com o aluno Surdo sofre pouca adaptação e conta-se apenas com a intervenção do intérprete de Libras.

Por fim, na próxima seção abordar-se-á os participantes, personagens principais desta pesquisa.



FIGURA 3: Sala de Acompanhamento Pedagógico para Surdos.

Fonte própria

4.3 Participantes

Os sujeitos participantes da pesquisa foram uma intérprete de LIBRAS, um aluno Surdo, uma professora de AEE, uma professora regente, uma mãe de aluno Surdo, a gestora e pedagoga da instituição pesquisada. A identidade dos participantes foi preservada e por isso utilizou-se nomes fictícios para nomeá-los. As contribuições de cada um deles vêm a seguir.

Sujeito 1

A professora intérprete, cujo nome fictício é Gisele, formada em Pedagogia, com habilitação em LIBRAS pelo CAS – Montes Claros, tem 36 anos e atua como professora Intérprete há quatro anos na instituição pesquisada. Demonstrou segurança em seus posicionamentos e respostas dadas. Ela percebe que os alunos Surdos precisam de mais instrumentos que assegurem uma aprendizagem efetiva. Relata que a maioria dos familiares de alunos Surdos são ausentes, em relação à vida escolar deles. Por isso já participou de situações que não são pertinentes ao seu trabalho, como por exemplo, acompanhar um Surdo em hospital e farmácia, entre outras situações inusitadas.

Segundo ela diz, realiza esse tipo de atendimento por amizade e consideração ao aluno Surdo, uma vez que a família não consegue atender a necessidade de comunicação do mesmo. Na opinião dela, na escola, falta interação entre professores regentes e intérpretes de LIBRAS, o que prejudica o Surdo. Para ela, isso ocorre porque a maioria dos professores regentes desconhecem língua de sinais e por isso deixam o aluno Surdo na responsabilidade do intérprete unicamente, deixando de se comunicar e até mesmo ensinar o aluno Surdo.

A escolha da professora intérprete Gisele, justifica-se devido ao seu empenho e dedicação aos Surdos da cidade de Timóteo. Ela sempre está solícita aos seus pedidos e considera os Surdos como amigos.

Sujeito 2

O aluno Surdo, cujo nome fictício é Cleber, tem 17 anos, mora em Timóteo - MG e ainda é aluno da instituição pesquisada. Além de ser aluno, desempenha o papel de Assistente Educacional Surdo no Curso de Libras. Ele é Surdo profundo, mas seu primeiro contato com Língua de Sinais foi aos nove anos de idade, na escola, por isso desenvolveu a oralidade no

ambiente familiar. Cleber fala, faz leitura labial e utiliza a língua de sinais para se comunicar. Contou-me um pouco da sua história de vida, as dificuldades que enfrentou na infância e como lida naturalmente com a Surdez. Disse que sempre se sentiu sozinho na escola até que chegou a intérprete de LIBRAS e tudo mudou. Ele ficou três anos na escola sem ter intérprete. Para ele a surdez não é uma grave deficiência e sim uma forma diferente de ser, ver a vida, se comunicar e se expressar. Mas diz que não gosta do português porque é difícil e a LIBRAS é própria do Surdo. Não demonstra indignação ou revolta por ser Surdo, ao contrário considera-se normal. Cleber não se vê diferente das outras pessoas. Para ele, a única diferença está no fato de ser Surdo. Para ele é normal a sua comunicação com as pessoas, as dificuldades do dia-a-dia e, principalmente, o fato de ser Surdo.

A escolha do Cleber para ser entrevistado justifica-se pelo seu destaque como aluno, pessoa e Surdo, tanto dentro na instituição como fora. Ele é uma pessoa muito querida por todos os seus conhecidos.

Sujeito 3

A professora de AEE entrevistada, cujo nome fictício é Aída, formada em Magistério superior, com especialização em Alfabetização e Letramento. Atua na Educação Especial há 13 anos, sendo três anos dedicados ao atendimento pedagógico para alunos Surdos. Aída conhece bastante os alunos da instituição. Quanto aos alunos Surdos, percebi que se preocupa com eles e busca estratégias diferenciadas a fim de que se envolvam e participem das aulas, mas se considera limitada pelo pouco *conhecimento* da Língua de Sinais. Segundo a professora Aída os alunos Surdos na instituição são assíduos, participativos e se relacionam bem com todos da escola. Mas ela percebe que em alguns momentos eles demonstram tristeza e se isolam. Mas isso ocorre em raros momentos, pois são muito alegres. Ela se esforça em adaptar as atividades, mas assume que é um desafio muito grande e por isso conta com a colaboração da intérprete de LIBRAS que acompanha o aluno durante o atendimento na sala de recursos.

A escolha da professora Aída justifica-se pelo empenho na educação dos alunos. Mesmo tendo pouca habilidade em LIBRAS, se esforça para se comunicar com os Surdos. É um grande exemplo de educadora.

Sujeito 4

A professora regente, com nome fictício de Julieta atua na educação há 15 anos. Ela é formada em Pedagogia e possui especialização em Alfabetização e Letramento. Utiliza imagens, vídeos e teatros para ensinar seus alunos Surdos. E de acordo com as necessidades dos Surdos surgem estratégias inesperadas, como, por exemplo, trazer objetos ou pessoas para servirem de modelo para o que se quer ensinar. Julieta relata que os Surdos ficam bastante á vontade com o teatro. A maior dificuldade que eles apresentam é quanto ao uso da Língua Portuguesa. A maioria dos Surdos acreditam ser desnecessária a Língua Portuguesa e sem sentido já que utilizam a LIBRAS.

Em relação à interação entre os outros colegas que trabalham com os Surdos, diz que têm mais afinidade com a professora de AEE e sente distanciamento dos intérpretes. Sugere que os alunos Surdos não desenvolvem-se mais, por falta da participação da família na vida escolar dos mesmos e falta de investimento em materiais apropriados.

A professora Julieta se disponibilizou a colaborar com a pesquisa e por isso a entrevista foi realizada com ela. Percebe-se que a professora Julieta tem boa vontade e se instrumentaliza de forma que a aprendizagem tenha significado para o aluno Surdo.

Sujeito 5

A mãe de um aluno Surdo, cujo nome fictício é Luiza, conversou sobre seu filho, as expectativas em relação à escola e os ganhos no desenvolvimento do seu filho até o momento. Ela é formada em Pedagogia, com habilitação em LIBRAS pela própria instituição. Luiza trabalha na instituição e é intérprete de LIBRAS. Relata que se tornou intérprete de LIBRAS para estar perto do filho e acompanhar o seu desenvolvimento escolar e social. Luiza se tornou intérprete de LIBRAS por amor ao seu filho. Falou do seu filho com emoção, amor e muito carinho, se emocionando em vários momentos da entrevista. Destaco o momento em que disse que foi um choque descobrir que seu filho, na época com dois anos, era Surdo. Hoje seu filho tem oito anos, leva uma vida normal, estuda, socializa na igreja e em outros locais, participa da vida social da família e se comunica através da língua de sinais. Deixou claro que participa da vida escolar de seu filho ativamente e que a escola contribui bastante para a socialização e o desenvolvimento de seu filho, mas sabe que é necessário melhorar na questão da adaptação das atividades e capacitação dos professores quanto à aquisição da língua de sinais. Sonha com uma

escola bilíngue para o seu filho, que tem surdez profunda, e muitas dificuldades para compreender a Língua Portuguesa.

A escolha da Luiza para ser entrevistada, justifica-se, pois a mesma atua em três frentes muito importantes. Ela é intérprete, professora e mãe de Surdo. Ela conhece de perto a realidade escolar e familiar de um Surdo. Suas contribuições são reflexos das vivências e experiências positivas e negativas que adquiriu ao longo do tempo e favorecem a reflexão de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem dos Surdos.

Sujeito 6

A gestora V. R. V. P., 54 anos, formada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, com especialização em Práticas de Letramento e Alfabetização, Supervisão, Orientação e Inspeção pelo Instituto Tupy, realizada em Coronel Fabriciano e UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rey - polo de Timóteo - MG, atuando na Educação Especial desde 2009. Porém desde 1992 iniciou os estudos na área da Educação Especial no Instituto Helena Antiphoffe – Divinópolis – MG e ainda hoje estuda na área pelas Universidades de Santa Maria e Uberlândia – Curso de Capacitação em AEE. Atuou como pedagoga durante 25 anos, foi professora de Educação Infantil ao 9º ano (Ciências), atua como tutora de ensino à distância por sete anos e gestora há dois anos na instituição pesquisada. Segundo a gestora, as salas oferecem materiais adaptados para os trabalhos realizados com os Surdos, mas reconhece que eles não atendem, totalmente, às reais necessidades de comunicação dos Surdos. Relata que os alunos são assíduos de segunda a quinta, mas nos dias de sexta-feira são faltosos. A maioria dos familiares dos Surdos são alheios à vida escolar de seus filhos e não se interessam em aprender LIBRAS. A maioria dos Surdos só se comunicam em LIBRAS na comunidade Surda. Para atrair as famílias para dentro da instituição, a gestora promove eventos culturais com apresentações dos alunos e palestras para as famílias. Para ela, os atendimentos disponibilizados pela instituição pesquisada atendem satisfatoriamente as necessidades de comunicação dos Surdos locais, uma vez que o local proporciona a reunião de Surdos, intérpretes, familiares e a comunidade Surda de modo geral.

Considera que os maiores entraves, hoje, na educação de Surdos é o fato da não valorização da LIBRAS como segunda língua oficial brasileira, o que impossibilita ao Surdo acesso aos meios públicos e vida autônoma. A vida dos Surdos seria muito mais produtiva se

mais pessoas se comunicassem em LIBRAS. A LIBRAS ainda não teve seu valor reconhecido e quem perde são os Surdos. Oportuniza-se à comunidade conhecimento e desenvolvimento em LIBRAS em favor das comunidades Surdas. Também considera entrave a questão da não valorização da Língua Portuguesa pelos Surdos. Eles não consideram o Português essencial e demonstram muitas dificuldades em se comunicar na sua segunda língua.

A gestora V. R. V. P. é a pessoa que mais se identifica com a proposta de atendimento do CREIA, por ser dinâmica, carismática, motivadora e grande pesquisadora. A gestora respeita a identidade do Surdo, pois valoriza o Surdo enquanto pessoa e enquanto Surdo. V. R. V. P. Ela não vê as pessoas como melhores ou piores, apenas diferentes. Diferentes em suas diversidades.

Sujeito 7

A pedagoga T. B. G., 50 anos, atuou como professora no Ensino regular desde 1990 na Rede Municipal de Educação da cidade de Coronel Fabriciano, se aposentando em 2014. Paralelo a estes trabalhos, atuou com Educação de Jovens e Adultos na Unileste – Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Pedagoga na Rede Estadual de Ensino, Professora Auxiliar, Professora de AEE e sala de recurso e Coordenadora e Professora da EJA. Atualmente é Pedagoga na instituição pesquisada há um ano.

A pedagoga T. B. G., ainda, não conhece todos os diagnósticos dos alunos Surdos, mas diz que conhece os alunos e suas necessidades. Relatou que não costuma acompanhar os planejamentos feitos pelos professores para não constranger os profissionais, pois todos fazem o melhor para os alunos. O que ela faz é trazer sugestões de atividades e projetos para que os professores desenvolvam junto aos seus alunos. Para sensibilizar as famílias a participarem da vida escolar do aluno, propõe conversas com as famílias. Enfatiza que para muitos alunos o espaço é local de convivência e não de aprendizagem e lamenta por terem esta visão. No seu ponto de vista, os Surdos deveriam adquirir mais conhecimento de mundo para que suas expectativas fossem maiores e seus sonhos também. Eles deveriam ter mais conhecimentos da Língua Portuguesa. Porém isso não é culpa deles, pois seus intérpretes não fazem esse trabalho de professor bilíngue. O ideal seria se os intérpretes fossem habilitados em LIBRAS e Língua Portuguesa. Ela reconhece que faltam investimentos significativos na Educação de Surdos, como materiais que atendam às suas necessidades visuais e intérpretes habilitados em sala de aula.

T. B. G. é a pessoa mais apropriada para ocupar esta função, devido ao seu bom

relacionamento com todos os funcionários na instituição pesquisada, especialmente com os professores. Quanto aos Surdos, ela pensa que respeitá-los passa pelo crivo da educação Bilíngue e conhecimento de LIBRAS.

Na próxima seção abordar-se-á os instrumentos e procedimentos utilizados nesta pesquisa. Dentre os quais destacam-se os contatos iniciais, instrumentos, entrevistas, roteiro de observação, gravação em vídeo e diários de campo.

4.4 Instrumentos e Procedimentos de Construção de Dados

4.4.1 Contatos iniciais

Foi feito contato com a direção na instituição pesquisada e logo a pesquisa foi apresentada para a instituição, a fim de discutir os objetivos, assinar os termos de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A), a Carta de Apresentação (ANEXO B) e o termo de aceite (ANEXO C). Logo a seguir, foram agendadas as entrevistas com uma intérprete de LIBRAS, um aluno Surdo, uma professora de AEE, uma professora regente, uma mãe de aluno, a gestora e pedagoga da instituição pesquisada. As observações e registros das entrevistas e videograções foram realizadas a seguir.

4.4.2 Instrumentos

Esse trabalho foi realizado através de observação e registros, por meio de fotos e entrevistas semiestruturadas, a alunos, professores e familiares de alunos Surdos, inseridos na instituição pesquisada. As questões das entrevistas foram semiestruturadas, favorecendo a explicitação de ideias, opiniões e expectativas em relação ao ensino oferecido pela escola ou instituição onde estão inseridos, oportunizando aos envolvidos explicitação de ideias, conceitos e reflexão sobre o atendimento ofertado aos Surdos, bem como, também, para os profissionais da Educação, reflexão, mudança e adaptação do currículo em favor do desenvolvimento escolar, cognitivo, emocional e social da pessoa Surda.

Na entrevista semi-estruturada as teorias dialogam com o tema a ser pesquisadores. Desse modo, à partir de questionamentos suscitados, outras hipóteses foram surgindo. Os autores Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) têm tentado definir e caracterizar o que vem a ser um entrevista semi-estruturada. Triviños (1987, p. 146) afirma que a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se

relacionam ao tema da pesquisa.

Para a realização da pesquisa, os materiais utilizados foram caneta, lápis, papel A4, caderno de anotações, impressora da marca *HP*, notebook da marca *ACER*, câmera fotográfica da marca *SONY – 16 MEGAPIXELS*. Os principais instrumentos utilizados estão expostos a seguir.

4.4.2.1 Entrevistas

Para a obtenção dos dados, o método escolhido foi a entrevista semiestruturada, e a observação. Para a realização das entrevistas as perguntas foram elaboradas pela pesquisadora, construindo-se um roteiro a ser utilizado com uma intérprete de LIBRAS (Apêndice A), um aluno Surdo (Apêndice B), uma professora de AEE - Atendimento Educacional Especializado (Apêndice C), uma professora regente (Apêndice D), uma mãe de aluno (Apêndice E), a gestora (Apêndice F) e pedagoga (Apêndice G) da instituição pesquisada.

Manzini (1990/1991, p. 154) diz que o roteiro de perguntas deve ser organizado com as perguntas principais, permitindo acréscimo de outras questões relativas ao tema pesquisado. Para Manzini, a partir da entrevista semi-estruturada surgem outras informações importantes que possibilitam aos entrevistados uma postura mais espontânea.

O objetivo da entrevista foi investigar se os objetivos quanto à Educação de pessoas Surdas estão sendo atingidos e se as mesmas estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas, bem como a metodologia adotada pelos professores. Deseja-se contribuir para a reflexão sobre a atuação de profissionais que trabalham com Surdos a fim de favorecer a interação social da pessoa Surda, valorizando-a em seu modo de ver o mundo, de expressar-se, respeitando sua cultura e vivências, dentro e fora da escola.

Na página a seguir, consta a organização das entrevistas realizadas no período de dois meses aproximadamente.

PESSOA/ FUNÇÃO	NOME FICTÍCIO	DATA	DURAÇÃO	OBJETIVO
Pessoa 1/ Intérprete	Gisele	14/ 09/ 2015	40 minutos	Conhecer a rotina escolar dos alunos Surdos.
Pessoa 2/ Aluno Surdo	Cleber	14/ 09/ 2015	30 minutos	Refletir sobre as contribuições da escola na vida dos Surdos.
Pessoa 3/ Prof. AEE	Aída	18/ 09/ 2015	30 minutos	Reconhecer que os profissionais envolvidos na educação precisam ser parceiros.
Pessoa 4/ Prof. Regente	Julieta	21/ 09/ 2015	25 minutos	Conhecer as estratégias utilizadas em sala de aula na alfabetização dos Surdos.
Pessoa 5/ Família	Luiza	04/ 10/ 2015	25 minutos	Conhecer os posicionamentos dos familiares a respeito da Educação que os seus filhos Surdos estão recebendo.
Pessoa 6/ Gestora	V. R. V. P.	23/ 10/ 2015	50 minutos	Compreender as relações entre a instituição escolar e família dos alunos Surdos.
Pessoa 7/ Pedagoga	T. B. G.	23/ 10/ 2015	45 minutos	Analisar se as intervenções pedagógicas atendem às reais necessidades dos alunos Surdos.

QUADRO 1 - Participantes

4.4.2.2 Roteiro de observação

O objetivo da observação foi verificar como se dá as relações de ensino-aprendizagem relacionadas aos alunos Surdos, bem como as estratégias de ensino utilizadas pelos professores e a interação entre Surdos e ouvintes no ambiente escolar.

A observação durou cerca de quatro horas. No dia agendado para a observação estavam sendo realizadas atividades normais dentro das oficinas e atendimentos de rotina. Todas as oficinas citadas no item 4.2 **Contexto da Pesquisa** foram visitadas, porém o tempo destinado às oficinas de Acompanhamento Pedagógico para Surdos com a Assistente Educacional Surda, professora K. V., e no Curso Básico de Libras foi maior. No dia da observação haviam 60 alunos distribuídos em 20 oficinas. Os alunos Surdos foram bastantes receptivos, assim como toda a equipe de funcionários da instituição e fizeram de tudo para atender da melhor maneira possível.

4.4.2.3 Gravação em vídeo

As gravações em vídeo foram realizadas com a finalidade de observação minuciosa após conversa e registros dos dados. Depois, o material foi gravado no computador e posteriormente no pen drive por medida de segurança.

Através deste instrumento foi possível obter informações muito úteis para o registro da observação, reflexão da prática docente e do contexto escolar. Esses relatos poderão ser aprofundados em outras oportunidades de pesquisa.

4.5 Procedimentos de Análise de dados

Para transformar as informações em objeto de análise foi feita a transcrição das entrevistas realizadas na íntegra, totalizando, aproximadamente, seis horas de pesquisa. A organização das informações e a análise basearam-se na abordagem qualitativa. Os dados foram transcritos e foi possível perceber aspectos que respondiam ao problema de pesquisa e aos objetivos deste estudo, a saber: espera-se investigar se os objetivos quanto à Educação de pessoas Surdas estão sendo atingidos e se as mesmas, inseridas no Ensino Regular, estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas, bem como a metodologia adotada pelos professores bem como contribuir para a reflexão sobre a atuação de profissionais que trabalham com Surdos a fim de favorecer a interação social da pessoa Surda e Valorizar o aluno Surdo em seu modo de ver o mundo, de expressar-se, respeitando sua cultura e vivências, dentro e fora da escola.

No procedimento metodológico, trabalhou-se com profissionais, alunos e pais de Surdos. A maior parte desses profissionais adquiriu experiência na área da Educação especial ou já atenderam alunos com necessidades especiais diversas e vêm o atendimento ao aluno com grande desafio, devido à utilização da Língua de Sinais.

Analisando os dados podem-se distribuir os mesmos em três categorias de análise: 1) Interação entre professores regentes, intérpretes e professores de AEE; 2) Entraves na educação de alunos Surdos e 3) Importância da escola bilíngue para o Surdo.

Abaixo segue a descrição das categorias criadas:

1) Interação entre professores regentes, intérpretes e professores de AEE: nesta categoria foram elencadas as estratégias utilizadas para sanar as necessidades de educação de qualidade do Surdo, a fim de que sejam incluídos de fato. Para isto é de suma importância que estes três profissionais trabalhem juntos para que o Surdo seja contemplado no currículo escolar.

2) Entraves na educação de Surdos: nesta categoria foram registradas todas as opiniões que demonstram a concepção adotada pela necessidade de maior atenção e investimento na educação de Surdos no Brasil, no estado de Minas Gerais, na cidade de Timóteo e na instituição pesquisada.

3) Importância da escola bilíngue para o Surdo: nesta categoria, foram incluídas as narrativas que expressam as ideias e opiniões do aluno Surdo, bem como de sua família. Essa categoria é essencial para a qual me propus, à princípio, que é investigar se os objetivos quanto à Educação de pessoas Surdas estão sendo atingidos e se as mesmas, inseridas no Ensino Regular, estão satisfeitas com o atendimento especializado oferecido a elas, bem como a metodologia adotada pelos professores.

Os resultados do processo de análise dos dados desta pesquisa são apresentados a seguir, refletindo-se sobre cada uma das categorias de análise encontradas, correlacionando-as com as observações coletadas pelo pesquisador no contexto pesquisado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da análise realizada sobre os dados coletados no trabalho de campo, foi possível tecer discussões a respeito dos esforços coletivos para garantir a inclusão dos Surdos. Através dos relatos, entrevistas, fotografias, videograções e observações do espaço escolar, compreendeu-se como se dá o processo de inclusão, as formas de intervenções realizadas pelos profissionais que trabalham com os Surdos e o ponto de vista dos pais de Surdos, inseridos no Ensino Fundamental. Os dados foram distribuídos, então, em três categorias de análise, que são Interação entre Professores Regentes, Intérpretes e Professores de AEE, Entraves na Educação de Alunos Surdos e Importância da Escola Bilíngue para o Surdo.

5.1 Interação entre Professores Regentes, Intérpretes e Professores de AEE

A partir dos dados construídos, foi notório perceber que esses três profissionais tão importantes na formação do aluno Surdo trabalham dissociadamente. Alguns participantes revelaram que há certo distanciamento entre professores e intérpretes. Cada profissional cumpre o seu papel independente do outro. Beneficiaria o Surdo se professores regentes, intérpretes e professores planejassem as aulas juntos. Com o mesmo foco na elaboração e aplicação do currículo, os objetivos seriam mais facilmente alcançados e o Surdo contemplado. Se todos os educadores trabalhassem juntos, o planejamento de ações privilegiariam a autoestima, aceitação e a identidade dos alunos Surdos. Datas comemorativas, como o Dia do Surdo, por exemplo, seriam uma ótima oportunidade para melhorar as questões de identidade, divulgar materiais em Libras e apresentar oficinas de teatro.

Referente ao relacionamento entre os profissionais a intérprete Gisele opinou:

Pesquisadora: Você planeja as aulas junto com os professores regentes?

Intérprete: Não. Não temos horário disponível par isso.

Pesquisadora: Como é o relacionamento do aluno com você professor intérprete e os professores regentes?

Intérprete: Os Surdos têm mais afinidade com os intérpretes e com os outros professores falta contato por não conhecerem bem a LIBRAS.

Pesquisadora: Como é feita a adaptação de materiais para que o aluno tenha acesso aos conteúdos aplicados?

Intérprete: Não é feita a adaptação.

5.2 Entraves na Educação de Alunos Surdos

A reflexão aqui gira em torno dos entraves encontrados para que, de fato, a inclusão de Surdos seja efetiva. Mas cabe dizer que não basta incluir, no sentido de colocá-los juntos com os demais, é necessário respeitar suas diversidades humanas e suas especificidades (seu modo de ver a vida, seu modo de aprender e sua cultura).

Das sete pessoas entrevistadas, seis citaram a comunicação como sendo o grande entrave na Educação de Surdos, tanto a comunicação em Língua Portuguesa, que deveria ser apropriada pelos Surdos como segunda língua e a LIBRAS, que deveria ser utilizada pelos profissionais e familiares dos Surdos com proficiência.

A realidade escolar dos Surdos em relação à Língua Portuguesa é de negação e falta de domínio da mesma. Os alunos Surdos do ensino fundamental não dominam o básico da sua segunda língua. Eles não adquiriram autonomia, escrevem palavras simples com erros grotescos e não lêem fluentemente. E há entre alguns intérpretes o discurso preconceituoso de que o professor regente precisa entender que o Surdo escreve diferente mesmo. Na verdade a forma como a maioria escreve não se configura Língua Portuguesa, nem LIBRAS, nem língua alguma. Os Surdos são ótimos copistas, mas isso não configura aprendizagem.

No que diz respeito ao uso da LIBRAS pelos profissionais nota-se, que necessitam de proficiência na língua. Quanto às famílias, seria interessante desenvolver um trabalho de conscientização e importância de se comunicarem com seus filhos Surdos, utilizando a língua visual. As crianças se apropriam da língua por meio da exposição informal e do uso ativo da mesma, e não por lhes ser ensinada. A experiência em casa é fundamental.

Quando a criança Surda tem pais Surdos que utilizam a Língua de Sinais desde o nascimento dela, o seu desenvolvimento seguirá o mesmo curso que o desenvolvimento da fala em crianças ouvintes. Principalmente para as crianças que estão abaixo de três anos (MEC, 2000).

O acesso ao Português que o Surdo está recebendo, não está sendo oferecido na perspectiva de segunda língua. É necessário adaptar recursos visuais para o aprendizado da

Língua Portuguesa, bem como utilizar metodologias diferenciadas para ensinar o Surdo. O ideal seria se o intérprete fosse professor bilíngue (habilitado em LIBRAS e em Língua Portuguesa).

Como fazer esse trabalho em meio aos ouvintes, numa sala cheia? São reflexões necessárias para tecer e eliminar esses entraves. As práticas são contraditórias e por isso a importância de repensá-las numa perspectiva visual e bilíngue.

A pedagoga T. B. G. expressou-se em relação á esses entraves:

Pesquisadora: O que falta, em sua opinião, para que o Surdo seja incluído, de fato, na Educação?

Pedagoga: Faltam materiais que atendam às suas necessidades visuais e intérpretes habilitados em sala de aula.

Pesquisadora: Quais são os maiores entraves na Educação do aluno Surdo?

Pedagoga: Eles deveriam ter mais conhecimentos da Língua Portuguesa. Porém isso não é culpa deles, pois seus intérpretes não fazem esse trabalho de professor bilíngue. O ideal seria se os intérpretes fossem habilitados em LIBRAS e Língua Portuguesa.

5.3 Importância da Escola Bilíngue para o Surdo

A inclusão do Surdo na escola bilíngue só é possível quando há professores, também, bilíngues na instituição. O ideal seria desde cedo, o Surdo ter um professor Surdo, também, pois é uma questão de identidade, possibilita as trocas e a referência. Os outros profissionais que trabalham com os Surdos, como fonoaudiólogos, precisam também dominar LIBRAS.

As instituições escolares devem fomentar a participação de pais de alunos Surdos, profissionais e toda a comunidade em geral a conhecer e desenvolver em LIBRAS.

Capovilla (2011) diz que “os estudantes surdos aprendem mais e melhor em escolas bilíngues (escolas especiais que ensinam em Libras e Português) do que em escolas monolíngues (escolas comuns que ensinam em Português apenas). As competências como decodificação de palavras e reconhecimento de palavras, compreensão de leitura de textos, vocabulário em Libras, dentre outras, foram significativamente superiores em escolas bilíngues do que em escolas comuns”.

A respeito disso, o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa¹¹ (2014) traz uma proposição para construção de uma

futura política que leve em consideração diversos aspectos, inclusive ressalta a importância da educação bilíngue desde a Educação Infantil. Apesar deste documento ter sido elaborado por um Grupo de Trabalho designado pelo MEC, ele traz um discurso que permeia um regime de verdade que se encontra nos discursos produzidos pelo movimento surdo. Um dos motivos disso é que vários pesquisadores do campo dos Estudos Surdos, surdos e ouvintes, fizeram parte de sua construção.

A garantia da oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos(as) alunos(as) Surdos e deficientes auditivos de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência é o sonho dos Surdos e de toda a comunidade Surda.

Foi o que declarou a participante Luiza:

Pesquisadora: O que você pensa sobre a educação bilíngue?

Luiza: Excelente! É o que o Surdo precisa. Eu sonho com isso para o meu filho e todos os outros Surdos.

Pesquisadora: Porque esse desejo tão forte?

Luiza: Percebo e convivo diariamente com as dificuldades do Surdo em compreender a Língua Português e interagir socialmente. Se eles estudassem em escolas bilíngues essas dificuldades seriam sanadas.

6 DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS

A língua é um fator fundamental na formação da consciência. Ela permite pelo menos três mudanças essenciais à atividade consciente do homem: ser capaz de duplicar o mundo perceptível, de assegurar o processo de abstração e generalização, e de ser veículo fundamental de transmissão de informação (LURIA, 1986).

Alguns equívocos ocorrem em relação à educação dos Surdos, no que se refere à sua comunicação. As estratégias pedagógicas utilizadas no ambiente escolar não estão em consonância com as especificidades dos Surdos. Eles se relacionam com o mundo pelo que vêem e não por meio das palavras ou da oralidade. As comunidades Surdas são penalizadas pela medicalização e marginalização da surdez, ou mesmo pelo desrespeito por seu modo de compreender o mundo.

O que fracassou na educação dos surdos foram as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são seus direitos lingüísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação como os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo. (SKLIAR 1998, p. 21).

A surdez não torna a pessoa um ser com menos possibilidades, mas sim com possibilidades diferentes. Nessa percepção os profissionais envolvidos na educação de Surdos precisam estimular, propiciar situações de conhecimento e domínio da Língua Portuguesa pelos Surdos, pois eles são capazes de aprender. A comunicação não deve ser concebida como barreira ou entrave na vida e educação dos Surdos. Para que isso ocorra é necessário que os professores regentes, intérpretes e professores de AEE, entre outros profissionais, unam esforços coletivamente para intervirem positivamente na vida dos Surdos.

A inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade. “O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, em defesa do direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação”, conforme o documento Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 1). Esse documento considera como público alvo da Educação Especial os

alunos com: deficiência (surdez, deficiência visual, deficiência intelectual e deficiência física), transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação. Destes, foi abordado durante a pesquisa a surdez, com ênfase nas pessoas Surdas, profissionais e familiares das mesmas, bem como analisar se os direitos à educação estão sendo efetivados, na prática.

Cabe aqui tecer algumas reflexões, pois dessa forma contribuir-se-á para uma prática que favoreça a pessoa Surda e todos os envolvidos com ela, tornando as pessoas próximas multiplicadoras de ideias menos segregacionistas e menos preconceituosas. Para que ocorra a inclusão efetiva da pessoa Surda, é importante e necessário que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do Surdo se mobilizem a fim de propiciar oportunidades reais de desenvolvimento pleno, possibilitando o sucesso do Surdo dentro e fora da escola.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A limitação da comunicação do Surdo se dá pelas próprias condições de vida e cultura familiar. Deste modo o indivíduo Surdo, na maioria das vezes, não conhece a língua de sinais desde a infância por negação da família quanto à sua condição e mesmo rejeição quanto à LIBRAS. De modo, geral os Surdos aprendem desde cedo, intuitivamente, a fazer uso da leitura labial, o que favorece sua interação com os ouvintes. Mas o Surdo também pode e deve desenvolver a língua oral, mas isso não acontece do mesmo modo como acontece com os ouvintes. Pode-se entender isso perfeitamente se quando pensa-se que por serem ouvintes tem-se como língua natural, a Língua Portuguesa e deste mesmo modo é natural para o Surdo a aquisição da Língua de Sinais para o seu desenvolvimento global.

Há que se rever a maneira de provocar desejo pelo conhecimento no Surdo, pois as estratégias para tal objetivo devem ser adaptadas à sua forma de ver o mundo. O professor não pode dar as mesmas atividades e avaliações, devem-se respeitar as peculiaridades de ser surdo, oportunizando a este aluno materiais ricos em imagens e com tradução em LIBRAS, por exemplo. E o professor intérprete pode ser o responsável por esta adaptação. Desse modo ocorrerá uma inclusão de Surdos na Educação.

As conquistas da comunidade Surda precisam ser traduzidas em ações que permitam aos Surdos o acesso a uma educação de qualidade e a participação efetiva na sociedade. Assim, não se trata apenas de garantir a esse cidadão espaços educacionais adequados, mas faz-se necessário também promover a difusão da LIBRAS. Para isso, acredita-se serem necessários investimentos na formação acadêmica inicial e continuada desses profissionais, para que eles consigam desempenhar o seu trabalho junto aos aprendizes Surdos, munidos de conhecimentos teóricos e práticos, a começar pelo aprendizado da Língua de Sinais. Que a LIBRAS seja dominada com proficiência por todos que atuam com Surdos.

LIBRAS é o que liberta o Surdo do silêncio. Quando aceita-se a LIBRAS, aceita-se o Surdo. O Surdo tem direito de ser Surdo e os ouvintes precisam conhecer e praticar a língua deles se de fato o aceitam, verdadeiramente.

Ainda que amparados por Lei, no caso do aluno Surdo, mais do que acesso e adaptação arquitetônica são necessários para sua efetiva inclusão. O Surdo é como um estrangeiro em sala de aula, pois pertence a uma cultura e utiliza de uma língua diferente da comunidade escolar e da

que vive.

Percebe-se, que mesmo sendo lentamente, já houve grande avanço em relação ao cumprimento das Políticas Públicas na Educação de Surdos, pois as instituições locais (da minha região) estão cada vez mais preocupadas em oferecer aos Surdos uma educação de qualidade, com adaptação de currículo, bem como das aulas ministradas e oferta de cursos de capacitação nesta área para os professores. Nota-se que há por parte dos educadores muita sede de conhecer e se adaptar a esta modalidade de ensino, especificamente para o grupo de alunos Surdos. É lamentável que os incentivos e busca pelo conhecimento específico desse tipo de educação tenham começado tão tarde. Deve-se, ainda, fazer muito mais por nossos educandos Surdos. Destaca-se que é de extrema necessidade dispor de investimentos científicos, tecnológicos e humanos para que o Surdo possa assumir, de verdade, o que se propõem: a escolarização deste grupo de pessoas para que elas possam exercer seus direitos e deveres enquanto cidadãos brasileiros.

Em suma, a Comunidade Surda comunga de direitos e deveres comuns á todos os cidadãos, partilhando com os ouvintes do espaço físico, de bens culturais, entre outras atividades cotidianas. Porém a Comunidade Surda conserva aspectos peculiares ao seu modo de vida, que muitas vezes, são desconhecidas para a maioria da população ouvinte.

Outro fator comum e constatado na pesquisa é que os alunos Surdos, em muitos casos, não desenvolvem-se na escola devido à falta de comunicação no ambiente familiar, uma vez que a maioria são filhos de pais ouvintes que não fazem uso da língua de sinais.

Considero que o trabalho de pesquisa realizado atingiu os objetivos propostos. Em relação ao objetivo geral, no sentido da investigação quanto à Educação de pessoas Surdas e sua satisfação. Foi evidenciado que os Surdos e suas famílias esperam mais das escolas. Eles demonstraram insatisfação. Foi notório que ambos, Surdos e familiares, não estão atingindo suas expectativas quanto ao trabalho desenvolvido pela escola. Porém ambos reconhecem que a escola, ainda é o melhor lugar para colaborar com a vida do Surdo.

Os objetivos em relação ao trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação foram atingidos. Visto que trouxe reflexão, aplicação de estratégias de intervenção diferenciadas e valorização do aluno Surdo, dentro e fora da escola. Na escola, as estratégias de intervenção utilizadas, mais comuns, em relação ao Surdo são utilização da língua de sinais, acompanhamento pedagógico, materiais visuais e adaptação de avaliações escolares, contendo

alguns sinais em LIBRAS dos conteúdos estudados.

Conclui-se que ao se apurar os dados desta pesquisa e compor as análises, identificou-se que há ainda muito material a ser elaborado e muito a ser feito em favor dos Surdos no âmbito educacional e social. O presente trabalho é um plano inicial de um projeto investigativo mais amplo, que toma a pessoa Surda como personagem principal de um palco onde os atores coadjuvantes são peças fundamentais na obra, que chama-se Educação, cujos atores coadjuvantes são a família, gestores, pedagogos, professores e intérpretes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, H. N. elena Neves. **A recomposição dos laços sociais** – uma mediação expressiva e instrumental na luta contra a exclusão social. In.

AMORIM, A. C. F. Surdez e biculturalidade: Um estudo sobre a co-constituição a partir das interações surdo-surdo e surdo-ouvinte. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Capítulo III, p. 42.

BERGMANN, L. (2000) Espaço, n.º 16. Rio de Janeiro: INES.

BITENCOURT, C. GONÇALO, C. O Desenvolvimento do Autoconhecimento Como Estrutura Básica para a Aprendizagem Organizacional. Anais ENANPAP. Foz do Iguaçu, 1999.

BOTELHO. P. **Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos**. Autêntica. Belo Horizonte. 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura**. MEC. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília/DF. Diário Oficial da União, n. 248, de 23 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 2000.

CAPOVILLA, F. C. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: SÁ, N. R. L. de (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Valer e Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011, v. 1, p. 77-99.

CUNHA, P. (org.). **Atas do colóquio de mediação**. Uma forma de resolução alternativa de conflitos. Porto, Universidade Fernando Pessoa. 2004.

CURTY, M. G. Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. Maringá: Dental Press, 2006.

DAVILA, T. et al. As regras da inovação. Tradução de RUBENICH, R. Porto Alegre: Bookman, 2007.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3a Ed., São Paulo, Atlas, 1995.

FERNANDES, M. M. **A relação pensamento-linguagem – uma perspectiva de Lev S. Vygotsky**. Revista Espaço-Informativo do INES, Rio de Janeiro, 1998.

GOLDFELD, M. (1997) A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus.

GUARINELLO, A. C. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.

HORA, D. L. Gestão democrática na escola. Campinas: Papirus, 1997.

KELMAN, C. A. Sociedade, Educação e Cultura. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010, Cap.3, p. 73-100.

LURIA, A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Arte e Científicos/ EDUSP, 1986.

MACIEL, A. D.; RAPOSO, M. B. T. Metodologia e Construção do Conhecimento: Contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010, Cap.3, p. 73-88.

MANZINI, E. J. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros**. Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em:[<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>]; acesso em 16.02.14.
_____, **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158,1990/1991.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

NÓVOA, A. Professor se forma na escola: **Formação em foco**. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, 1992.

PARO, V. H. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

PERRENOUD, P. **O Ofício de Aluno e o Sentido do Trabalho Escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SKLIAR, C. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In: SILVA, Luis Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson. _____, **A surdez**: um olhar sensível sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista com o (a) Professor Intérprete:

Nome: _____

Escolaridade: _____

Tempo de atuação na função: _____

- 1 – Como você se relaciona com o aluno Surdo?
- 2 – Como você se relaciona com a família do aluno Surdo?
- 3 – Você planeja as aulas junto com os professores regentes?
- 4 – Como é o relacionamento do aluno com você professor intérprete e os professores regentes?
- 5 – Como é feita a adaptação de materiais para que o aluno tenha acesso aos conteúdos aplicados?
- 6 – Que estratégias você utiliza para propiciar a interação do aluno Surdo com os demais alunos da turma e da escola, bem como a interação com os professores regentes e demais funcionários da escola?
- 7 – Você se propõe a acompanhar o aluno em eventos sociais fora da escola? Por quê?
- 8 – O seu trabalho atende as necessidades de comunicação e aprendizagem do aluno Surdo?
- 9 – Quais são os maiores entraves na Educação do aluno Surdo?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista com o (a) Aluno Surdo:

Nome do (a) aluno (a) _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

- 1 – Como foi a descoberta sobre sua surdez e o primeiro contato com a língua de sinais?
- 2 – Quantos anos você tinha quando ocorreu o seu primeiro contato com a Língua de Sinais?
- 3 – Quais as maiores dificuldades que você teve durante sua trajetória de estudante, sofreu preconceito por ser surdo?
- 4 – Você já ouviu falar no implante coclear? O que você pensa a respeito?
- 5 – Quais são as suas dificuldades no dia a dia?
- 6 – Com é a sua comunicação com as pessoas de sua escola?

- 7 – Você gosta de sua escola e professores?
- 8 – Qual a importância da escola para você?
- 9 – Você sabe ler e escrever?
- 10 – O que LIBRAS significa para você? Por quê?
- 11 – Quais são as suas expectativas para o futuro quanto aos estudos e vida pessoa

APÊNDICE C

Roteiro de Entrevista com o (a) Professor de AEE- Atendimento Educacional Especializado:

Nome: _____

Escolaridade: _____

Tempo de atuação na função: _____

- 1 – Há quanto tempo você atende Surdo na Sala de Recursos?
- 2 – Você conhece o laudo clínico do aluno? Qual é o diagnóstico?
- 3 – O aluno frequenta assiduamente o atendimento de AEE? Ele gosta?
- 4 – Que estratégias você utiliza na alfabetização e letramento de alunos Surdos?
- 5 – Que técnicas e recursos você obteve sucesso na Educação de alunos Surdos?
- 6 – Como é o seu relacionamento com os professores regentes e professores intérpretes? Vocês interagem e planejam as aulas juntos?
- 7 – Como é o seu relacionamento com a família do aluno?
- 8 – O seu trabalho atende as necessidades de comunicação e aprendizagem do aluno Surdo?
- 9 – Quais são os maiores entraves na Educação do aluno Surdo?
- 10 – Qual é a função da escola para o desenvolvimento pleno da pessoa Surda?
- 11 – Você interage com os professores regentes e professor intérprete para conhecer as necessidades educacionais do aluno?

APÊNDICE D

Roteiro de Entrevista com o Professor Regente:

Nome: _____

Escolaridade: _____

Tempo de atuação na função: _____

- 1 – Há quanto tempo o aluno estuda nesta escola?
- 2 – O aluno possui algum laudo clínico? Qual diagnóstico?
- 3 – O aluno é assíduo e participativo?
- 4 – Como é o relacionamento do aluno com você professor regente e com o professor intérprete?
- 5 – A família do aluno se envolve e acompanha o desenvolvimento escolar dele??
- 6 – Em que nível de leitura e escrita o aluno se encontra?
- 7 – Como o aluno se comporta na escola, dentro e fora da sala de aula?
- 8 – O aluno se comunica através da Língua de Sinais como você?
- 9 – Você conhece Língua de Sinais? Utiliza a língua com ele durante as aulas?
- 10 – Como é o desenvolvimento da linguagem do aluno? Como o aluno aprende?
- 11 – Você planeja as aulas junto com o professor intérprete?
- 12 – Como é feita a adaptação de materiais para que o aluno tenha acesso aos conteúdos aplicados?

APÊNDICE E

Roteiro de Entrevista com a Família:

Nome da mãe _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Nome do pai _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Com quem o adolescente mora? _____

- 1 – Quais pessoas compõem a sua família e convivem com seu filho (a)?
- 2 – Com que idade começaram as primeiras tentativas de linguagem através de sinais?
- 3 – Quando surgiram as dificuldades de comunicação oral?
- 4 – Você se comunica de que maneira com seu filho (a)?
- 5 – Com que idade seu filho (a) iniciou a trajetória escolar?
- 6 – Você participa ativamente da vida escolar de seu filho (a)?
- 7 – Em que a escola contribui para o desenvolvimento de seu filho (a)?
- 8 – Você está satisfeito (a) com os métodos aplicados pelos professores na Educação de seu filho (a)?
- 9 – O que você pensa sobre a educação bilíngue?

10 – Qual é o grau de surdez de seu filho (a)?

11 – Seu filho (a) é acompanhado por especialistas na área da saúde? Quais?

APÊNDICE F

Roteiro de Entrevista com a Gestora do CREIA

Nome: _____

Escolaridade: _____

Tempo de atuação na Educação: _____

Tempo de atuação na função: _____

Formação: _____

1 – Como as salas de atendimento ao Surdo, no CREIA, são equipadas?

2 – Você conhece o laudo clínico dos alunos Surdos do CREIA?

3 – Os alunos Surdos são assíduos às aulas e oficinas ofertadas pelo CREIA?

4 – As famílias participam da vida escolar dos alunos Surdos do CREIA?

5 – Que estratégias você utiliza para trazer a família para dentro do CREIA?

6 – Como é o seu relacionamento com os alunos Surdos e familiares dos mesmos?

7 – O que falta, em sua opinião, para que o Surdo seja incluído, de fato, na Educação?

8 – O seu trabalho atende as necessidades de comunicação e aprendizagem do aluno Surdo?

9 – Quais são os maiores entraves na Educação do aluno Surdo?

APÊNDICE G

Roteiro de Entrevista com a Pedagoga do CREIA

Nome: _____

Escolaridade: _____

Tempo de atuação na Educação: _____

Tempo de atuação na função: _____

Formação: _____

1 – Você conhece o laudo clínico dos alunos Surdos do CREIA? Quais são os diagnósticos?

2 – Como você acompanha os planejamentos feitos pelos professores que atendem os alunos

Surdos?

- 3 – Os alunos Surdos participam ativamente das atividades propostas nas oficinas?
- 4 – As famílias participam da vida escolar dos alunos Surdos do CREIA?
- 5 – Que estratégias você utiliza para sensibilizar as famílias a participarem da vida escolar de seus filhos?
- 6 – Como é o seu relacionamento com os alunos Surdos e familiares dos mesmos?
- 4 – O que falta, em sua opinião, para que o Surdo seja incluído, de fato, na Educação?
- 5 – O seu trabalho atende as necessidades de comunicação e aprendizagem do aluno Surdo?
- 9 – Quais são os maiores entraves na Educação do aluno Surdo?

ANEXOS

ANEXO A



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a percepção do professor em relação a inclusão escolar no ensino fundamental, cujo título é **ESFORÇOS COLETIVOS GARANTEM A INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**.

Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semi-estruturada, cujo áudio será gravado.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como o áudio da entrevista, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (31) 8678-8602 ou no endereço eletrônico adrianassa@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____

ANEXO B



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde
PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: Ipatinga

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a): Vera Regina de Vieira Peixoto

Instituição: CREIA – Centro de Referência em Educação Inclusiva Ativa

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a) Adriana dos Santos Sá Pedroni que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^ª Dr^ª Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO C



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

A Sra. Vera Regina de Vieira Peixoto, *da Instituição CREIA – Centro de Referência em Educação inclusiva* está de acordo com a realização da pesquisa. Conhecendo a Inclusão escolar sob o olhar do professor. O que a experiência tem a dizer?, de responsabilidade da pesquisadora Adriana dos Santos Sá Pedroni, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Mestre. Ana Cecília Ferreira de Amorim. O estudo envolve a realização de entrevistas com professores e alunos do ensino fundamental. Eu, *Vera Regina de Vieira Peixoto, diretora CREIA*, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

Nome do (a) responsável pela instituição

Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição